

Jorge - O Amado Filho da Bahia

Geraldo Pereira



Jorge Amado e Zélia Gattai

De Jorge Amado são muitas as lembranças. Debito-as aos muitos filmes armazenados no meu subconsciente, filmes revistos com muita saúde neste início de inverno, aqui na cidade de Itapevi, onde resido.

Conheci a obra de Jorge Amado, bem antes de conhecê-lo pessoalmente, graças ao meu vizinho que era sapateiro de profissão, na cidade do Recife, no bairro da Torre. Vivíamos a Segunda Grande Guerra Mundial. Em águas brasileiras, os submarinos alemães estavam afundando os nossos navios de passageiros. A revolta na capital pernambucana foi grande. Casas comerciais, de alemães, japoneses, sentiram o peso dessa revolta. Algumas residências também foram 'visitadas'. Participei desse sentimento de indignação patriótica de nosso povo em 1942.

Uma noite esse meu vizinho sapateiro disse-me: "Tá vendo esse livro, está em espanhol, vamos tentar ler juntos? Você não diga a ninguém, senão poderemos ser presos." Era 'A vida de Luís Carlos Prestes', editado na Argentina pela Editora Claridad, em 1942. Eu tinha meus quinze anos, foi um curso de História política e literária, a poesia de Jorge contaminou-me. Apaixonei-me pelos personagens Luís Carlos Prestes e seu advogado Sobral Pinto. Como sofri com a entrega de Olga, esposa de Prestes, para os nazistas, como odiei o carrasco Filinto Müller.

Com o fim da Segunda Grande Guerra Mundial, chega à redemocratização do País. Em dois de dezembro de 1945, houve as eleições, o general Eurico Gaspar Dutra é eleito Presidente da República, o Partido Comunista elege quatorze deputados federais e um senador, Jorge Amado é eleito deputado pelo Estado de São Paulo. Após a eleição, Jorge chega ao Recife, onde desenvolve intensa atividade política e cultural. Com Leonardo Moreira Leal e Jurandir Bezerra, sobrinho de Gregório Bezerra, filho de José Lou-

renço Bezerra, assassinado pela polícia pernambucana em 1937, e outros jovens comunistas, fundamos o Centro Literário Castro Alves. Era agitação política e politização da classe estudantil.

Contando com apoio de Gregório, também eleito deputado federal, convidei Jorge para falar no Centro Castro Alves. Foi uma tarde memorável. Jorge nos disse da satisfação daquele encontro e que estava nas mãos da Juventude a obrigação de lutar por um Brasil sem fome, sem miséria, tão constante na vida do povo brasileiro.

Um ano mais tarde, no Rio de Janeiro, na Tribuna da Câmara dos Deputados, vejo Jorge denunciar o governo General Dutra, que estava fechando o Sindicato dos Estivadores e a União Geral dos Trabalhadores de Santos, estava liquidando com a liberdade de imprensa apreendendo as edições diárias da Tribuna Popular, órgão do Partido Comunista. Jorge se manifesta veementemente contra o Decreto Lei 9070, do Governo Dutra, proibindo o direito de greve e protesta indignado contra a presença de agentes da Delegacia de Ordem Política e Social, nas assembleias Sindicais, ergue a sua voz contra a dissolução a tiros, do comício do PCB, no Largo da Carioca, feita pela polícia, com dezenas de feridos e a morte de Zélia, militante comunista.

Em defesa da liberdade de culto, Jorge apresentou a Emenda, mas avisou ao Senador Prestes e os demais companheiros deputados, que não queria as suas assinaturas. É que os projetos e emendas dos parlamentares comunistas eram quase que sistematicamente recusados, iam para a lata do lixo.

Jorge contou com o apoio de Gilberto Freyre, o autor de 'Casa Grande e Senzala', nome de grande prestígio na Assembleia Nacional Constituinte, ele assinou a Emenda, congratulou-se com Jorge, apenas lamentando não ter sido o autor da

mesma, afirmou: "Por que não pensei nisso?" Foi essa Emenda que garantiu a liberdade de culto em nosso País.

Em 1947, no auge da Guerra Fria, Truman o presidente americano, exige do presidente Dutra a cassação do registro do Partido Comunista. O Tribunal Superior Eleitoral, num ato vergonhoso cassou o registro. Meses após é a vez da Câmara dos Deputados capitular covardemente e cassar os mandatos dos parlamentares. Sem imunidades, alguns são presos, espancados e processados, outros vão para clandestinidade como o Senador Luís Carlos Prestes.

Jorge parte para o exílio, inicialmente em Paris, onde com o poeta Pablo Neruda e o pintor Carlos Schliker, desenvolve intensa atividade política, sendo os mesmos expulsos do país.

Ganha o prêmio Stalin da Paz, já é considerado um nome de primeira grandeza na literatura mundial, com as suas obras traduzidas para dezenas de idiomas, torna-se um dos escritores mais lidos e premiados do mundo. Em 1956, regressa ao Brasil. A ABDE – Associação Brasileira de Escritores, presidida pelo escritor Abguar Bastos, organiza um jantar em sua homenagem. Esperamos Jorge e Zélia que vinham de ônibus do Rio de Janeiro, mais de 150 pessoas. O terminal era na Av. Ipiranga, um pouco antes da Av. São João. À noite no Clube Homes, na Av. Paulista, o jantar foi um sucesso, Jorge estava emocionado com o encontro tão festivo. Abraça companheiros e companheiras que há muitos anos não via.

Chego a Salvador. Certa manhã, quase tarde, encontro o Jorge na Baixa do Sapateiro. Camisa esportiva, por fora da calça, fumando, sandália conga, em companhia do seu amigo 'argentino de nascimento', mas baiano de coração, o pintor Caribé. Era hora do almoço. Fomos almoçar numa pensão simples – mui-

to simples. Quatro ou cinco mesas, todas estavam ocupadas por gente humilde, operários, trabalhadores braçais, num canto fritando peixe e fazendo os pratos a fim de que os filhos servissem aos fregueses uma preta velha, de idade avançada, doutora na arte de cozinhar, recebe um beijo de Jorge. Sou apresentado a ela, Jorge bate um papo, com todos ao mesmo tempo. Ali é o seu mundo, sua gente, ali estão os seus personagens.

A pensão ficava bem no coração da 'Cidade Alta', próxima ao Elevador Lacerda e também, dos puteiros espalhados pelos velhos e misteriosos sobrados que Jorge conhecia como a palma da sua mão e que estão presentes em suas obras.

Em abril de 1997, após a implantação de um marca passo, diante do problema da visão que se agravava, ele declarou que doravante passaria a ditar as suas obras.

Um ano antes Jorge viajara para França, onde recebe o título de Doutor Honoris Causa, na famosa Universidade de Sorbonne.

Homem de sensibilidade, apegado aos amigos, Jorge foi pouco a pouco morrendo com a morte deles. Pierre Verger, o etnólogo e fotógrafo francês, o pintor Caribé, e antes a morte trágica de Dias Gomes, esses adeuses abalaram profundamente o Amado Filho da Bahia.

Em 1945 passou a viver com Zélia, em 1978 casaram-se, produto desse amor, nasceram Paloma e João Jorge. Certo dia ele declarou que "Zélia foi a maior sorte que tive na vida" e fez uma declaração pública de amor a ela:

"A vida me deu mais do que pedi e mereci

*Não me falta nada
Tenho Zélia e isso me basta."*

**Geraldo Pereira é jornalista,
escritor e conselheiro
da Associação Brasileira
de Imprensa.**

Homenagem a um Editor

Linguagem Viva em 2015 presta homenagem em seus editoriais a escritores, editores, livreiros e pessoas que contribuem para o engrandecimento das nossas Letras e Cultura.

O escritor e editor João Scortecci é o homenageado do mês em virtude do Dia do Autor e do Editor, comemorado em 18 do corrente.

Em abril também são celebrados o Dia Internacional do Livro Infantil, 2, em homenagem ao escritor dinamarquês Hans Christian Andersen; Dia Nacional do Livro Infantil, 18, data de nascimento do escritor, editor e jornalista Monteiro Lobato no ano de 1882; *Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor*, 23, em razão do falecimento de Cervantes no ano de 1930.

Em janeiro o destaque foi o voto de júbilo ao jornal, pela Câmara dos Vereadores de São Paulo, da vereadora Edir Sales; Na edição de fevereiro foi Marigê Quirino Marchini, poeta, escritora, tradutora e colaboradora do LV, um ano do seu falecimento; Em março foi Vera Stefanov, presidente do Sindicato dos Bibliotecários no Estado de São Paulo, em comemoração ao Dia do Bibliotecário.

Em abril o homenageado é o editor, escritor, poeta, gráfico e livreiro João Scortecci. Diretor-Presidente do Grupo Editorial Scortecci desde 1982, editor do Portal Amigos do Livro, Diretor do Espaço Scortecci e docente da Escola do Escritor.

João Scortecci nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1956 e reside em São Paulo desde 1972. Exerceu os cargos de Conselheiro de Humanidades, da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC), Lei Rouanet, do Ministério da Cultura, de 1997 até 2006; diretor da União Brasileira de Escritores, em três gestões e Diretor Adjunto; e de Vice-Presidente Administrativo e Financeiro da Câmara Brasileira do Livro, em três gestões. É membro do GEDIGI e do GE-EDITORIAL da ABIGRAF - Associação Brasileira da Indústria Gráfica.

É autor de 13 livros como *A Maçã que Guardo na Boca*, poemas, 2014, coautor do livro *Guia do Profissional do Livro - Informações importantes para quem quer escrever e publicar um livro* -, entre outras importantes obras.

Pelos serviços que vem prestando ao escritor e sua valiosa contribuição para o engrandecimento da Literatura e da Cultura do País, *Linguagem Viva* presta homenagem ao parceiro, cliente e amigo João Scortecci. Fica nosso agradecimento pela sua colaboração ao longo dos 25 anos de história do jornal.



João Scortecci

ÁGUA DA MORINGA

Raquel Naveira

A um canto da sala da casa de minha infância, bem junto à porta que se abria em duas folhas, ficava uma pequena mesa. Sobre ela, uma toalha de renda e uma moringa de barro com um copo servindo de tampa, sempre cheia de água fresquinha. Era um convite para quem chegasse ou saísse, naquelas tardes abafadas e quentes de Mato Grosso. Um presente de hospitalidade: água para o visitante, soberana das maravilhas. Maior das riquezas. Mais preciosa do que as pérolas, pois de que valeriam para o beduíno sedento? Sorvia-se a cada gole um pouco de pureza e bênção. Que sabor inesquecível tinha aquela água.

Havia todo um processo: a moringa fora lavada, depois foi colocada água dentro dela com um punhado de açúcar e folhas de laranja até encharcar o barro, que roubava o calor do líquido, deixando-o sempre frio. A água ficava doce, doce. Parecia ter vindo de um lago onde a lua leitosa se banhava inteira. Dentro da moringa morava uma aurora branca. Palavras úmidas boiavam em flutuações de desejos e sentimentos secretos. Se um peixe fosse jogado dentro dela, certamente ressuscitaria e se tornaria imortal, nadando como faísca entre as paredes de limo. Tomar daquela água era momento de pausa e carícia. Era tirar toda amargura do coração.

Quando quero lembrar de algo que me encha de sabedoria, sinto o gosto daquela água da moringa. Meu sorriso fica claro, os meus gestos fluidos e as notas de um cântico de paz pingam em gotas dos meus lábios.

Vi um cântaro parecido sobre os ombros da mulher samaritana, numa imagem cor de sépia, pendurada sobre o sofá de couro, numa outra casa

portuguesa, a dos meus bisavós, Maria e Antônio, na rua Treze de Maio. Quando eles partiram, eu tinha uns sete anos. As recordações ficaram vivas em minha memória. O quadro mostrava o poço no deserto e um encontro essencial: a mulher samaritana e Jesus. Jesus se revela como o Senhor da Água Viva dizendo: " - Aquele que beber da água que lhe darei não terá mais sede. A água que eu lhe darei se tornará nele fonte de água a jorrar em vida eterna."

Meu bisavô amava essa passagem e contava com lágrimas nos olhos:

- A samaritana teve o privilégio de oferecer água ao Mestre, água da bilha.

Água é mesmo energia e força nova. Desoladora a situação que estamos vivendo com problemas de abastecimento de água, reservatórios em níveis baixos, seca no Nordeste, enchentes no resto do território, crise no sistema Cantareira. É preciso urgente mudar nossa relação com a água. Pontos de água são lugares sagrados. Alguém disse que não existe amor em São Paulo. É da água que nascerá o amor. Há um salmo que diz: "Junto aos rios da Babilônia, nos assentamos e choramos". A água é objeto de súplica. Clamemos a Deus para que ele escute nosso grito e envie os seus aguaceiros. Que venham chuvas de primavera. Que o orvalho que faça romper flores improváveis no asfalto.

Só aquela água da moringa saía a terra seca da minha alma. Eu me orientava para a porta com o faro de uma corça. Dentro dela brilha a água da moringa.

Raquel Naveira é escritora, poeta, professora universitária e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Pen-Clube do Brasil.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

OSMAN LINS - INOVADOR LITERÁRIO

Caio Porfírio Carneiro

Morreu tão moço, aos cinquenta e três anos, vítima de câncer retal. Um cavalheiro, um *gentleman*. Trabalhava a todos com grande cordialidade. Nunca alterava a voz e a postura, o sorriso amigo iluminando-se sempre nos olhos azuis. Pernambucano de Vitória de Santo Antão, onde nasceu em 1924, *Osman da Costa Lins*, era de tipo físico que lembrava ascendência holandesa, que talvez nem possuísse. Separou-se da primeira esposa e filhos, veio para São Paulo, transferido do Banco do Brasil, onde exercia alta função, e aqui se casou com a escritora Julieta de Godoy Ladeira.

Encontramo-nos pela primeira vez nos idos dos anos sessenta, na Livraria Francisco Alves, justamente no lançamento do livro de contos do escritor Jorge Medauar – *A Procissão e os Porcos*. Eu do Ceará e ele de Pernambuco, travamos logo uma boa amizade.

Escritor refinado, digno desse nome, preocupado com o valor das palavras e com o andamento formal de uma história, trabalhava seus textos exaustivamente e com grande cuidado. Mas aceitava, discutia e ouvia com atenção escritores de outras tendências literárias, como eu, que quando lancei meu livro de estréia – *Trapiá* -, de contos regionais, até certo ponto superados no tempo, ele o saudou com elogios discretos e anteviu em mim – palavras dele – um grande contista ao longo da minha carreira. Só não gostava de folclore, embora nascido e criado num Estado riquíssimo no gênero. Repetia claramente:

- Folclore não me entra.

Lembro-me que um dia, numa viagem ao Rio de Janeiro, visitei, em companhia do escritor Henrique L. Alves, a Editora José Olímpio. Encontramos lá, por acaso, alguns escritores discutindo vivamente, entre eles Otto Lara Rezende e Ciro dos Anjos. É que havia um impasse: a comissão julgadora não chegava a uma decisão para o *Prêmio José Olímpio de Literatura*, se iria para *Nove Novena*, de Osman

Lins, se para *Veranico de Janeiro*, de Bernardo Élis. Obras completamente diferentes e opostas em concepção, estrutura, linguagem, tudo. *Nove Novena* era uma inovação sofisticada. Não era livro para qualquer leitor. *Veranico de Janeiro* resistia e persistia em um regionalismo cáustico e meio satânico, marca do seu autor.

Chegando a São Paulo, telefonei ao Osman:

- Rapaz, o teu livro está lá na José Olímpio numa luta feroz com um de contos do Bernardo Élis. Não sei o que vai sair dessa briga de foice no escuro.

Ouvi o seu riso:
- Está bem. Vamos esperar.

Ganhou o livro do Bernardo Élis. O Osman não demonstrou nenhum abatimento por isto. Sabia absorver com paciência filosófica qualquer golpe recebido. Tanto que numa visita de Bernardo Élis a São Paulo, no meio da conversa lhe perguntei:

- Quer conhecer o Osman Lins?
- Claro. Como é que eu faço?

Liguei para o Osman, no Banco do Brasil:

- Osman, sabe quem está comigo? O Bernardo Élis. Quer marcar encontro com você.

- Traga-o aqui agora, Caio. Espero vocês no corredor do quarto andar.

- Vamos lá, Bernardo. O Osman está te esperando.

Lá estava ele sozinho no grande corredor de gabinetes fechados. Abraçaram-se e sentamo-nos num conjunto de poltronas. Foi uma conversa longa e amigável entre os dois, que terminou com o convite do Osman:

- Vá amanhã no meu apartamento, à noite. Vou receber uns amigos. O Caio sabe onde é.

Era hábito do Osman realizar essas reuniões noturnas, com bebidas e salgadinhos. Eram



família Osman Lins

Osman Lins

Mas o Bernardo Élis não pôde comparecer e ele lamentou muito.

Guardo do Osman, escritor famoso, respeitabilíssimo, além da amizade, a gratidão de citar o meu nome em todos os ensaios e artigos que publicou sobre o conto brasileiro.

Morreu com a mesma postura de escritor digno como viveu. Chegou a abandonar o seu emprego no Banco do Brasil e de professor na Universidade da cidade de Marília, interior do Estado, para se dedicar às letras em tempo integral. E, muito doente, perguntou ao médico de quantos dias de vida dispunha ainda porque precisava revisar uns originais.

Vi-o pela última vez, em Natal, em 1978, onde estive para a festa de entrega do *Troféu Juca Pato* ao folclorista Luís da Câmara Cascudo. Estava ele lá fazendo umas conferências e ficamos todos no mesmo hotel. Sabia já que o seu caso era irreversível. Pediu à Julieta para, na volta, passar em Vitória de Santo Antão. Queria rever sua cidade mais uma vez. E em Natal só conversou conosco sobre assuntos culturais, como se fosse viver mais trinta anos.

Eu nunca conhecera uma criatura assim.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, historiador e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Roberto Scarano

Advogado

OAB - SP 47239



Execuções

Família

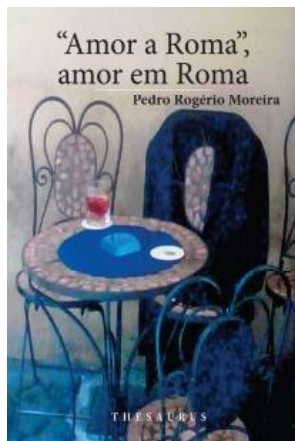
Cível

Trabalhista

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

Cronistas e memorialistas em excelente forma

Gabriel Kwak



Andamos bem acompanhados recentemente por três livros a que não podemos ficar indiferentes e que paralisaram indistintamente a minha atenção. São leituras recomendáveis que poderão empolgar leitores de fino gosto, como nossos amigos CYRO DE MATTOS, ISRAEL SOUZA LIMA, CÉLIO DEBES e GISELDA PENTEADO DI GUGLIELMO. A saber:

1- "Amor a Roma", amor em Roma, de Pedro Rogério Moreira – Brasília – Thesaurus - 2013

A produção de Pedro Rogério, jornalista escolado, há muitos anos radicado em Brasília (DF), se tingiu do memorialismo de melhor extração, gênero que, aliás, também consagrou, a par do ensaísmo, seu inesquecível pai, Vivaldi Moreira.

Em "Amor a Roma", amor em Roma, Pedro Rogério glosa suas andanças e paranças em Roma, tendo como interlocutor o clássico *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, e encarando a "Cidade Eterna" pelos óculos de Afonso Arinos de Melo Franco Sobrinho, a partir do seu indispensável ensaio histórico-cultural *Amor a Roma* (em que Arinos nos extasia com suas preleções sobre imperadores romanos, pontificados, famílias nobres, Roma na Idade Média, Renascimento, monumentos históricos, logradouros, *potins* etc.)

Em Roma, testando restaurantes (pinçados ao acaso), ponderando o nível das acomodações de diferentes hotéis, Moreira encontrou as condições psicológicas mais apropriadas para incursionar por esses livros levados na sua bagagem de mão. Trata-se de uma reportagem afetiva e desprentensiva, vazada no estilo ático, terço e diáfano, bebido nas fontes clássicas da expressão, estilo que singulariza a dicção do autor sem se despojar da sobriedade (recorde aqui conselho que sempre tenho à mão de Afonso Pena Jr.: "Azeite demais apaga a candeia.")

No seu diálogo interior, sempre reconcilia tradição e modernidade, como o atestam obras anteriores de Pedro Rogério, como *O Almanaque do Pedrim*.

O autor relaciona os escritores que cantaram Roma "sob os impulsos muito mais do amor do que da arte. (p. 109)" e não sonega ao leitor a emoção que viveu na cripta da Igreja de São Francisco de Assis, compartilha os instantes prazerosos nas caminhadas diárias e nos momentos regados a vinho e *grappa*. Não esconde sua decepção ao se dar conta da morte do carvalho de Tasso, a árvore em cuja sombra se refugiava o poeta épico Torquato Tasso (1544-1595). O leitor respira a atmosfera digna de um filme de Ugo Tognazzi.

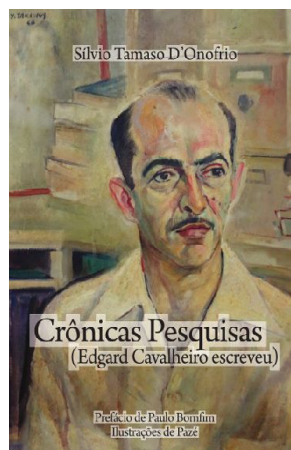
No Gianicolo (colina do Janículo), Moreira nos conta que fruiu a melhor vista da cidade. E não deixa de resenhar sua romaria por Trastevere, o bairro romano tido por boêmio, sua *flannerie* pelo casario de Assis, por Nápoles, pelos restos da Roma Imperial (Coliseu, Palatino). Aqui e ali, se identifica com o funcionário público Belmiro e suas filosofanças, Belmiro, bisinho, tímido, sonhador e introvertido, dividido entre a mesmice da sua vida medíocre de burocrata de meia idade e o amor idealizado por uma adolescente que mal conhece. Pedro Moreira reserva, ainda, sempre uma palavra delicada à sua expedita guia napolitana, Chiara, que tem uma turbulenta vida amorosa, daí porque o autor improvisa-se como cupido.

O diário de viagem "Amor a

Roma", amor em Roma coloca o proustiano Pedro Moreira na vanguarda dos nossos escritores.

2 - Crônicas Pesquisas (Edgard Cavalheiro escreveu), de Sílvio Tamasso D'Onofrio - São Paulo – Scortecci - 2014

Sílvio Tamasso D'Onofrio é o guardião por excelência da memória de Edgard Cavalheiro (1911-1958), o escritor e biógrafo principal e definitivo de Monteiro Lobato. Entre outras coisas, biógrafo e biografado tem em comum o torrão natal: Espírito Santo do Pinhal (SP).



Em *Crônicas e Pesquisas*, prefaciado por Paulo Bomfim, o autor reuniu material rico e abundante, nem sempre fácil de ser entesourado e trocado em miúdos.

Mestre em Estudos Brasileiros e em Filosofia pela USP (o doutorado está *in progress*), Sílvio dissecou, perquire todas as vertentes de Ca-

valheiro, cerca-o por todos os matices: o bancário, o acatado autor de biografias até hoje lembradas, o diretor e funcionário de diversas editoras, o homem de rádio, o organizador de antologias de contos de variada natureza. Cavalheiro exerceu não só a crítica literária, mas comentou em jornal artes plásticas, música e teatro.

Ao seguir com lupa as pegadas do trabalhador intelectual incansável e do pesquisador literário pinhalense, Sílvio desenhou-lhe o perfil, mapeando com grande arte os 58 livros e quase 1000 artigos formatados por Edgard. O autor revive, em boa hora, relações amistosas próximas entre Edgard e, por exemplo, os escritores Hernâni Donato e Mário Donato (aliás, não eram parentes), o mestre húngaro Paulo Rónai, o pintor Aldemir Martins e o venerando político Altino Arantes.

Sílvio também resgata a figura do Comendador Montenegro, o português que fundou Nova Louzã, vila contígua a Pinhal onde veio ao mundo Cavalheiro. Montenegro fora uma espécie de patriarca de Espírito Santo do Pinhal.

3- Uma Garça no Asfalto, de Clauder Arcanjo – Taubaté, SP – Editora LetraSelvagem – 2014

Estas crônicas do cearense radicado em Mossoró (RN), Clauder Arcanjo, agora compiladas, deveriam ter sido aglutinadas em livro há muitos anos, em mais um lançamento do criterioso editor Nicodemos Sena no gênero injustamente tido como menor. Gênero que consagrou, por exemplo, Rubem Braga, Otto Lara Resende e

LIVRARIA BRANDÃO



Comprav-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br

AS QUATRO MENINAS

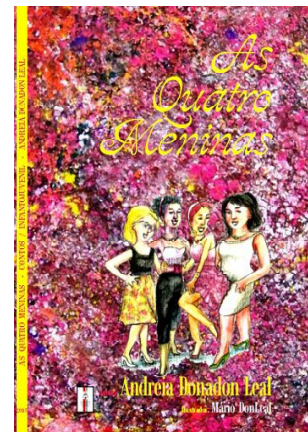
Magna Campos

Andrea Donadon Leal enreda-se afundada até os joelhos nesta experiência de contar a história do encontro de Sandra, Denise, Helena e Rita com aqueles quatro garotos “misteriosos”, com quem conversaram-teclaram por longo tempo pela internet. Se antes, as cartas e bilhetinhos de um pretendente, faziam sonhar as meninas, emolduravam rostos e vozes nos caprichos das letras postas no papel; hoje, as redes sociais com todo o seu potencial virtualizante, com tantas inovações, ainda continuam fazendo o mesmo: promovendo sonhos, protegendo da timidez do primeiro contato e emoldurando pretendentes. Mais que diferenças, ambas, cartas e redes sociais, servem para ancorar contatos e diluir um pouco os desejos de expansão até o outro.

A ansiedade das quatro meninas à véspera do encontro e um pouco de suas rotinas familiares, permeadas de uma leitura atenta do universo teen atual, transporta-nos para uma história em que porções de poesia e de arte ajudam a tecer a aventura e os riscos de descobrir as coisas por si mesmas.

O enredo tem o mérito de não privilegiar nenhuma das quatro meninas, dando-lhes a mesma atenção nos detalhes descritivos e narrativos, dispondo de uma linguagem “entendida” e “digna” de incorporar o universo retratado.

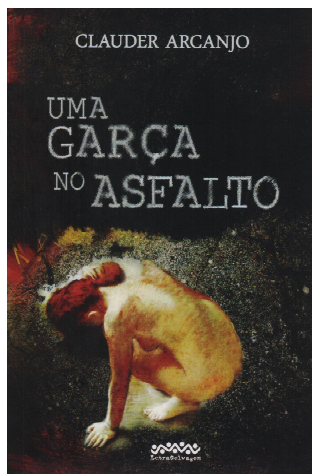
E assim, envolvidos pela magia do ser conduzido pelo autor experiente, os sete capítulos de *As Quatro Meninas* passam-se tão ra-



pidamente porque também compartilhamos da ansiedade das meninas, e queremos logo saber se o encontro acontece ou não, se dará tudo certo, quem eram os garotos, se eram o que elas esperavam, se não era nenhuma “armadilha” das redes sociais, se as mães saberão lidar com o momento das filhas...e com isso, lemos o livro numa só investida, sem titubear ou nos perder.

Ao final saímos da Pizzaria Bom Gosto junto com as quatro, inundados de uma história que nos faz relembrar nossas experiências pessoais e nos reinstalar momentaneamente em nossa adolescência, ou de alegrar-nos em nos vermos aí, imiscuídos na história, como uma destas adolescentes tão arquetípicas.

Magna Campos é Mestre em Letras pela Universidade Federal de São João del Rei.



Elsie Lessa, que elevaram as páginas circunstanciais aos pináculos de arte literária.

Ouvi falar pela primeira vez em Clauder, também editor de livros, ao compulsar um estudo dele sobre os anões na ficção do seu conterrâneo Moreira de Campos, há muitos anos. Os cromos da vida moderna urdidos por Clauder recuperam circunstâncias anônimas, como os engraxates. As páginas de *Garça no Asfalto* não se afastam, portanto, dos motes, na medida do possível, amenos, como o velho hábito de comprar os jornais aos domingos na banca próxima à Igreja Matriz (com o cuidado de somente lê-los debaixo de uma sombra longe da Catedral para que o templo não faça “vivos os pecados” do cronista, o que baniria a “calma necessária à leitura.”) Nessas bem-traçadas, Clauder flagra duas velhas que compravam dois exemplares de cada jornal, um delas elas “plantavam” nas praças para que fossem recolhidos por algum jovem, estimulando o hábito nos moços.

A nada Clauder é indiferente, pois os temas prosaicos são a matéria-prima e fazem a delícia do cronista, cujas pensatas mediante publicação em livro salvam-se da impermanência e da efemeridade da folha de jornal, condenada à dispersão esquecível.

Aprendemos todos com a lição de Terêncio: “Sou homem e nada do que é humano me é estranho.” A crônica se aproxima muito mais de um teco de prosa com o leitor do que um arrazoado pretensioso, uma catilinária sisuda. E Clauder não se despe da possível amenidade quando comenta a adoção de um casal de coelhos na intimidade do seu lar, persuadido por seus filhos (e como os mascotes se incorporaram ao cotidiano da família) até deitar no papel reflexões sobre a expressão artística, ao discorrer, num dia de digressão metalinguística, o corriqueiro embaraço que prosadores têm em conceber versos e vice-versa. Afinal, nem todos são banhados pela dádiva de serem polígrafos... Noutra passagem, Clauder nos conduz a uma velha amizade — costurada pela devoção aos livros — entre uma bancária e uma poetisa, Zila Mamede — ambas também suas chegadas. Pois, Nieta praticamente intuiu a cifrada morte de Zila na apatia inexplicável, numa estrela cadente, num livro aparecido ao acaso numa escrivaninha.

Atualmente, Clauder cuida de publicar em capítulos, aos domingos, no jornal *Gazeta do Oeste*, de Mossoró (RN) a novela *Cambono*, como se fora um *feuilleton*.

Gabriel Kwak é escritor, jornalista e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Alexandre Pedro e a leitura do silêncio

Angelo Mendes Corrêa e Itamar Santos

Tendo publicado seu primeiro livro, "Flores do ócio", em 2013, Alexandre Pedro destaca-se, na novíssima geração de poetas paulistas surgida a partir do advento da internet, por uma escrita depurada em que dizer pouco e tentar compreender o silêncio acabam permitindo entender muito da condição humana e de suas angústias. Formado em Letras, comanda um blog sobre literatura, através do qual tem despertado e incentivado muitos jovens ao exercício da escrita.

Pode nos contar um pouco sobre sua formação?

Bom, cheguei nadando na contramão, sem ao menos perceber que a contramão exercia em mim, além da física, uma placidez que, na minha ignorância, interpretava-na como sossego. Ingressei na universidade, no curso de Letras, em sem ao menos saber o que viria a ser um "letrado". Não havia, até então, sequer pensado na palavra literatura. Mas lá estava eu; sem ter lido um livro sequer: onde os nomes Guimarães Rosa, Clarice, Drummond eram apenas umas palavras ao vento. Desconhecidos, para mim.

Estudei em escolas públicas e fiquei bastante tempo desocupado e quando assumi continuar meus estudos, ingressando numa faculdade, eu era um pacote vazio - impresso. Em mim, uma data de validade já era reminiscência.

E o interesse pela poesia, quando surgiu?

No terceiro semestre do curso de Letras, quando tudo ainda era

uma grande charada que eu tinha que desvendar, um professor de Linguística decidiu que a nossa turma teria que, ao final do semestre, apresentar algum tipo de produção: crônica, poesia, conto... O que eram esses gêneros textuais para aquele aluno que, de olhos vendados, tateava no escuro a palavra?

Abismado frente à tarefa, resolvi esboçar qualquer coisa e que ele, em sua competência, desvendasse essa coisa: se estaria ao menos próximo de um conto, poesia ou crônica, e que no decorrer do semestre ele me orientasse. Acontece que quando entreguei o esboço, ele gostou. Chamou-me poeta. Entregou esse material para a minha professora de Literatura e, juntos, criaram na universidade um concurso de escrita e me inscreveram. Em minha ignorância, no dia do concurso, em vez de escrever um poema, e devido a minha insegurança naquilo que estava fazendo, escrevi três. Levei bronca do fiscal de sala. Mas como os três textos estavam na mesma folha, foram lidos. No dia da apuração, levei os três prêmios. Primeiro, segundo e terceiro lugares, no gênero poesia.

A partir daí, eu me interessei por alguma coisa. Uma luz acendeu: era a poesia.

Acredito que a universidade tem essa função. Você não sai de lá sabendo de tudo - às vezes sai sem saber de nada -, mas, se você quiser, lá de dentro sai um rio que segue para inúmeros horizontes. Você é quem decide se quer ou não nadar. E eu nado.

Que autores o influenciaram mais de perto?

Drummond. Com certeza, Drummond.

Li numa entrevista em que ele dizia ao professor Luís Milanese, a respeito de alguns alunos da USP que queriam autorização para musicar seus poemas:

"Se eu não subir aos céus nas asas da poesia, subirei nas asas da música."

Existe um estalo maior que esse?

Como tem sido a relação com os leitores do Cárcere do Ser, seu blog, que já conta com quase 50 mil acessos?

Chegamos a 60 mil acessos. (risos)

Hoje, com o avanço da tecnologia, a internet é uma das maiores ferramentas para a literatura. As pessoas descobriram que o ato da escrita não é divinal. É humano. E por ser humano vai em busca de saciar a sede da linguagem. E nos tornamos amigos além da linguagem.

"Um pouco mais de sol - eu era brasa.

Um pouco mais de azul - eu era além."

Seu livro de estréia, "Flores do ócio", apesar do aparente desinteresse do grande público pela poesia, vem tendo sucessivas tiragens. A que atribui isso?

Exclusivamente à internet.

Não sou aquele que frequenta saraus. Tenho preguiça da poesia em boteco. Alguns me chamam antissocial. Mas não sou. Acredito que a literatura é uma intimidade do leitor-autor com a palavra. Ainda vamos descobrir uma forma de ler os silêncios.



Alexandre Pedro

Sua poesia é muitas vezes carregada por um ceticismo perspicaz com a condição humana. Você se define com um cético?

Preciso, antes, me definir como humano.

Novos projetos para 2015?

Meu segundo livro, "Cárcere do Ser", está pronto. Estou à procura de uma editora: esta é a parte difícil da literatura no Brasil.

Participo, atualmente, junto a outros sete escritores, do Projeto Doam-se Palavras. Doamos e doemos, quinzenalmente, algumas palavras aos que têm fome do verbo. Acabo de prefaciá-lo o livro "MiniMáximas", do Samuel Malentacchi, lançado em janeiro.

Continuo tão perdido como quando ingressei na universidade. A diferença é que agora a contramão é minha ciente opção. E minha data de validade é ortografada na poesia.

Angelo Mendes Corrêa é mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP).

Itamar Santos é mestrando em Literaturas Comparadas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Camiseta 25 anos LV

criada por Xavier

R\$ 50,00

Inclusas taxas PAC - correio

linguagemviva@linguagemviva.com.br



AMOR MAIOR

Débora Novaes de Castro

AMOR

É flor
no cristal.
É estrela
nascente.
É água
que corre
do rio
ou da fonte
e tão pura
e tão fresca
como rastros
de luar.

É um todo
desfeito.
É um nada
abundante
que se agiganta
e se esconde
no estojo
de luxo
lacrado
e dourado
do peito
da gente.

É um suspiro
dorido.
É uma gota,
uma prece,
um sorriso
esboçado
na face
do infinito.

É lágrima
escondida
que canta
medrosa
seus ais"
soluçantes
nas ondas
balantes
do caramujo
de concha
perolada
do mar.



É um sol
grande,
redondo
e quente.
E de repente,
como dádiva
celeste,
uma chuvarada
na seca
causticante
do Nordeste.

É a lua
comandando
a noite.
É um derrame
de estrelas
a despencar
das alturas
como fogos
de artifício,
desenhando
os espaços
vazios
da vastidão
dos céus.

É a explosão
estapafúrdia
de cores,
de dores,
de prantos
e alegrias,
que eclode
em segundos
e que
toma conta
da gente...

In: GOTAS DE SOL, Débora Novaes de Castro, São Paulo, Ed. Scortecci, 1984 / 1987, pp 16,17,18. Primeiro livro de poesias da autora.

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e membro da Academia Cristã de Letras - SP, da Academia Paulista Evangélica de Letras - SP e da União Brasileira de Escritores - SP.

Livros

A Patinha Deolinda, infantil de Elza Ramos Amaral (1927 - 2014), 24 páginas, R\$ 35,00, RG Editores, São Paulo.

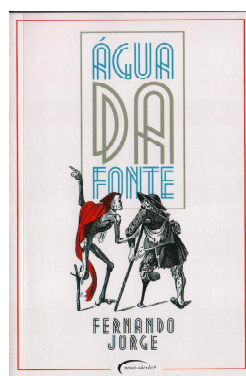
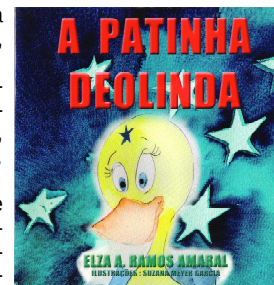
A autora, poeta, cronista, musicista, jornalista, relações públicas, advogada e pós-graduada em Direito Administrativo pela USP, é autora de *Minha História com São Paulo*, *O Voo Azul da Libélula*, entre outros livros.

A obra, a primeira do acervo infantil de Elza A. Ramos Amaral, é uma história singular da personagem principal que convida leitores de todas as idades às grandes surpresas, alegrias e descobertas.

A capa e as ilustrações são de Suzana Meyer Garcia.

O livro foi lançado no dia 7 de abril, na Casa das Rosas, com mesa de debates com as participações de Beatriz Helena Ramos Amaral (filha da autora), Maria Cecília de Salles Freire César e Suzana Meyer Garcia. Também foi lançado o cd *Elza A. Ramos Amaral ao Piano*. O evento contou com a participação de Sandra Sandoval (flauta) e Elaine Tirian (piano/teclado) que interpretaram *Haicai para o meu Anjo da Guarda* - letra de Elza A. Ramos Amaral e música de Adelaide Pereira da Silva.

RG Editores: www.rgeditores.com.br



Água da Fonte, crônicas de Fernando Jorge, Editora Novo Século, 8ª edição, 260 páginas, Osasco, SP.

O autor, jornalista, biógrafo, advogado, bibliotecário e escritor, foi agraciado com o *Prêmio Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro, pela obra *Cala a Boca Jornalista*; com o *Prêmio Clio*, da Academia Paulistana de História, pelo livro *Getúlio Vargas e o seu tempo*.

Segundo Calos Drummond de Andrade, *Gostei, sim, tanto do "Água da Fonte", que li em voz alta, para Maria Julieta, duas crônicas de seu livro. Você tem em mim um leitor cheio de admiração.*

Para Oscar Niemeyer, *Fernando Jorge: você, com seu poliédrico talento literário, me dá a impressão de ser um arrojado arquiteto na arte de escrever, o dono de um estilo claro, moderno, envolvente, de linhas dinâmicas e alicerces à prova de terremotos.*

Novo Século: www.novoseculo.com.br

LINGUAGEM VIVA



Assinatura semestral: R\$ 35,00

Assinatura anual: R\$ 70,00

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

linguagemviva@linguagemviva.com.br
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000



Débora Novaes de Castro

Débora Novaes de Castro, escritora, poeta e artista plástica, foi agraciada em primeiro lugar, na categoria Poesia, no 2º Concurso Internacional Literário da ALACIB, com o livro *Gotas de Sol*. É Membro da Academia Cristã de Letras - SP, Academia Paulista Evangélica de Letras - SP e União Brasileira de Escritores - SP. Débora completou 30 anos de estreia literária em poesias, com o trabalho *Acosamento Azul*. A entrega da láurea será realizada em sessão solene da ALACIB, no dia 23 de maio de 2015, sábado, às 16 horas, no auditório do ICHS/UFOP, Rua Cônego Amando, S/Nº - Fundo do Palácio dos Bispos, Mariana, MG.

Eltania André publicou a crônica *Contador de Passos* no <http://escritablog.blogspot.com.br/2015/04/contador-de-passos-eltania-andre-cronica.html>

Fernando Jorge, escritor e jornalista, lançou *Água da Fonte*, pela Editora Novo Século.

Ruth Rocha, escritora infanto-juvenil com mais de 200 livros publicados, será homenageada por seus 50 anos de carreira, no dia 29 de abril, a partir das 19h30, no Itaú Cultural, Sala Itaú Cultural, Av. Paulista, 149, em São Paulo. O evento apresentará o projeto *Ruth Rocha 50 anos: A Aventura de ler* que reunirá um documentário dirigido por Evaldo Mocarzel; uma exposição que receberá a assinatura de J.C. Serroni; e três espetáculos de teatro, criados a partir dos livros *O Reizinho Mandão*, *Dois Idiotas Sentados Cada Qual em Seu Barril* e *Romeu e Julieta*.

Nei Lopes, escritor, cantor e compositor, lançou o *Dicionário escolar afro-brasileiro*, pelo Selo Negro Edições.

A APPERJ - Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro - está com inscrições abertas até o dia 31 de julho para o Festival de Poesia Falada do Rio de Janeiro - Prêmio Francisco Igreja. O tema do concurso é livre, sendo aceitos todos os estilos poéticos. Os interessados poderão enviar até três poemas inéditos, em língua portuguesa, digitados, de no máximo 30 linhas (espaços inclusive), em três vias. Serão selecionados os 20 melhores textos e a premiação para 1º lugar, R\$400,00; 2º lugar, R\$300,00; 3º lugar, R\$200,00, e melhor intérprete: R\$100,00. Informações com Sérgio Gerônimo (21) 3328-4863 e Glenda Maier (21) 3392-2576.

Apoio: www.oficinaeditores.com.br

Notícias

Viagem Magnética, obra inédita de Décio Pignatari, falecido em 2012, foi lançada pela Ateliê Editorial. A peça conta, em 26 segmentos, sobre a vida e a obra da escritora e educadora Nísia Floresta (1810-1885), considerada uma pioneira do feminismo no Brasil.

Goytisolo Juan, escritor espanhol, foi agraciado com Prêmio Cervantes e receberá a importância de 125 mil euros. Considerado o Nobel das letras hispânicas, das mãos do rei Felipe VI, é autor de *A saga dos Marx*, *As semanas do jardim*, *Juegos de manos*, *Duelo en el Paraíso*, *Señas de identidad* e *Juan sin tierra*.

O Golpe de 1964 e a Ditadura Militar em perspectiva, livro organizado por Jefferson Oliveira Goulart, Célio José Losnak, Caroline Kraus Luvizoto e Carlo José Napolitano, lançado pela Cultura Acadêmica Editora, braço da Editora Unesp, pode ser baixado gratuitamente em http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=500.

Carlos Pessoa Rosa lançou *A visão bipolar de um ovo de avestruz*, pela Amazon e Kindle. A prosa foi publicada em capítulos pelo PNETLiteratura que, por motivos técnicos, saiu do ar. Agora é disponibilizada em duas plataformas pela Amazon. www.amazon.com

Claudio Naranjo, médico psiquiatra, professor em Berkeley, indicado para o *Prêmio Nobel de 2015*, lançará *A revolução que esperávamos*, no dia 5 de maio, terça-feira, às 19 horas, no Colégio Dante Alighieri, Alameda Jaú 1061-Jardim Paulista, em São Paulo.

Amor ao Teatro: Sábado Magaldi, obra com pesquisa, seleção e organização de Edla van Steen, lançada pela Edições SESC, reúne um compêndio de 783 críticas teatrais de Sábado Magaldi publicadas nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*, entre 1966 e 1988.

A Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas e o Festival Literário (Flipoços) serão realizados de 25 de abril a 3 de maio, no Espaço Cultural da Urca, em Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais. www.flipoccos.com/

A Pró-reitoria de Graduação da Unesp, em parceria com a Cultura Acadêmica, disponibiliza para download gratuito 43 livros que poderão ser baixados em http://www.culturaacademica.com.br/colecoes.asp?col_id=12.

Encontro com Poemas Nipo-Brasileiros, mostra bilingue promovida pela *Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil* e Casa Guilherme de Almeida, será realizada de 24 de março a 22 de maio, de terça a domingo, das 10 às 18 horas, Rua Macapá, 187, em São Paulo. Tel.: (11) 3672-1391. www.casaquilhermedealmeida.org.br

II Encontro das Academias de Letras Jurídicas do Brasil, promovido pela Academia Paraibana de Letras Jurídicas e Federação das Academias de Letras Jurídicas do Brasil, será realizado, de 11 a 14 de Agosto, na Cidade de João Pessoa, PB, durante as comemorações dos 38 anos da APLJ. A Academia Paraibana de Letras Jurídicas é presidida por Ricardo Bezerra a ricardobezerra@ricardobezerra.com.br

XAVI

xavierlima@terra.com.br
xavierdelima1@gmail.com
(14) 3731-9471
(14) 99161-0675 (Claro)
(11) 97958-6182 (Tim)
www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

